

JAJAPO JAIKUA JAIKO AWÃ - SABER, FAZER E CONVIVER: O PROCESSO INCLUSIVO DE UM ALUNO GUARANI SURDO

DAIANE DA CUNHA BARROSO-UERJ¹
ALBERTO ALVARES-UFRRJ²
PATRICIA DOS SANTOS SILVA-UERJ³
EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES- UERJ⁴
JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE-UERJ/ UNI-RIO⁵

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta uma pesquisa desenvolvida no Programa de Estudos dos Povos Indígenas, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Inclusiva da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Poucos são os estudos realizados acerca do indígena com deficiência e as questões culturais, interculturais, lingüísticas e interlingüísticas neste processo complexo de inclusão com respeito à diferença e identidade.

A pesquisa teve como foco um índio surdo da aldeia Sapukai envolvendo seus familiares e o professor indígena que o alfabetizou e realiza a mediação em seu processo de inclusão na cidade e na aldeia.

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UERJ, bolsista do Programa de Estudos dos Povos Indígenas e pesquisadora voluntária do Núcleo de Estudos em Educação Especial e Inclusiva- Rua Professor Luís Rondeli, 106-Rio de Janeiro-CEP 21021630- daianecunha27@bol.com.br

² Professor de Língua Guarani, aluno do Curso de Licenciatura e Educação do Campo da UFRRJ, bolsista do Observatório de Educação escolar Indígena da UFMG e pesquisador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da UERJ- Rua Ver Jaime Azevedo Km49.Seropédica-RJ. 23890-000 albertotuparay@gmail.com

³ Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UERJ, bolsista do Programa de Estudos dos Povos Indígenas- Rua: 16 lote: 31 quadra 110 Parque paulista D. Caxias- RJ- CEP 25261400 patriciaorcay@yahoo.com.br

⁴ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ- Coordenadora do Núcleo de Estudos em Educação Especial e Inclusiva- Rua Quintino Bocaiúva-50-D.Caxias-RJ-CEP 25010-280 professoraediclea.uerj@gmail.com

⁵ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ e da Pós Graduação em Memória Social da UNI-RIO - Coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas- Rua Lopes Trovão, 247/apt.301.Niterói-RJ 24220-070 bessa_18@hotmail.com

A pesquisa de campo, realizada nos meses de julho e agosto, combinou entrevistas realizadas com os familiares de Wera Kuaray, e o professor indígena que o alfabetizou e mediou seu processo de inclusão na cidade e na aldeia.

METODOLOGIA

Foi utilizada metodologia qualitativa da história oral na perspectiva da História do Tempo Presente: “como registro de experiências de pessoas vivas, expressão legítima do ‘tempo presente’, a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata.” (MEIHY,2005:18).

Foram utilizados trechos das entrevistas, respostas sem as perguntas, à medida que os assuntos foram sendo abordados. Convém esclarecer que, mesmo utilizando as respostas, textualizando-as, optou-se por manter a fala do colaborador o mais integral possível, sem transcrição, mantendo a oralidade sem, contudo, descuidar da forma escrita. As entrevistas não utilizadas e não citadas no curso deste trabalho serviram de complementação às ideais apresentadas. O desafio de um trabalho como este, com fontes orais, está na possibilidade de apreender as tensões entre os grupos sociais e os sujeitos individuais nos contextos em que elas são produzidas. As fontes orais fornecem, potencialmente, elementos que permitem apreender as dinâmicas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas e comportamentos.

O artigo, escrito em co- autoria com um pesquisador indígena foi fundamental para o andamento da pesquisa, não só pelo domínio da língua indígena, mas, sobretudo, por ser o olhar indígena Guarani, o mediador para os contatos e produção de dados coletados. Assim, enquanto muitas pesquisas apontam para o olhar do observador distanciado, que busca relacionar os elementos de um sistema de forma “neutra” e “descritiva”, nesta pesquisa considerou-se que o olhar do investigador, deve estabelecer relações entre os elementos do sistema e atribuir-lhes significados de acordo com a ótica de dentro do sistema. Nesse sentido, busca-se um olhar “de perto e de dentro”, que só pode ser obtido através da participação de um observador da comunidade local.

DISCUSSÃO

1. TAPE AYWU PORÃ RENDA – O CAMINHO DAS BOAS PALAVRAS

“Em relação à cultura Guarani, a escola tem um papel secundário, ainda que esta tenha a proposição de fortalecimento da língua, da tradição. Usando a alegoria da *raiz e da antena*, vemos que a escola faz parte da antena, daquilo que vem de fora da aldeia; já a educação Guarani é raiz, assim como fala o professor Ernesto, de uma das comunidades *Mbya* do Rio de Janeiro: “para realizar o *nhandereko* (modo de ser) é impossível sem a mata, a cultura é necessariamente produzida dentro da *Tekoa* (aldeia). A escola, a educação não é só de escola, é muito maior.” (Rosa,2009:4)

Enquanto estrutura material escolar, a aldeia de Sapukai dispõe de uma edificação com sala de aula, biblioteca, refeitório e anexos. Foi construída na primeira metade da década de 1990, com apoio da Prefeitura de Angra dos Reis (na gestão do Partido dos Trabalhadores) e provida inicialmente com professores pela FUNAI/SME-Angra. Nesse período, os jovens adultos guaranis solicitaram a retirada dos professores não-índios e sua substituição por docentes da própria aldeia, por considerarem a escola um espaço de trabalho dos homens jovens adultos, de ingresso de recursos (via remuneração do exercício profissional pelo Estado) e de afirmação da cultura, por meio da apropriação de saberes e tecnologias do mundo escolar não-índio, atualizados e ressignificados pela cultura guarani.

As sociedades indígenas, de modo geral, vivenciam um sistema próprio de educação. Cada grupo étnico possui tradicionalmente processos educativos próprios que, de certa maneira, são determinados pela cultura e pelas relações sociais existentes dentro do grupo. Muitas das características educacionais indígenas são comuns entre várias etnias. “Quando fazemos menção à ‘Educação Indígena’, estamos nos referindo aos processos educativos tradicionais de cada povo indígena. Aos processos nativos de socialização de suas crianças.” O processo de ensino-aprendizagem, na concepção da educação tradicional indígena, ocorre de forma continuada no cotidiano, nas mais diferentes atividades, nas brincadeiras, no modo de vida, nos diferentes espaços dentro da aldeia. Algemiro da Silva, professor indígena de maior experiência no Rio de Janeiro, acompanhou o desenvolvimento de Wera Kuaray, e seu processo de aquisição da língua de sinais, inicialmente gerada a partir de um código criado entre eles.

“Antes de ele ir estudar fora da aldeia, eu e ele inventamos sinais para a gente se comunicar. Os sinais que inventamos quase é a mesma que o professor não indígena ensina. Aí começamos a andar juntos, fomos para o INSS, íamos ao banco para pegar o dinheiro. No início eu acompanhei ele sozinho. Dentro do ônibus a gente falava só em sinal, e as pessoas não indígenas olhavam para nós e pensava, eu ouvia as pessoas conversando entre eles, falando assim: Será que os dois são surdos mesmo?”

Nas sociedades indígenas, o ensinar e o aprender são ações mescladas, incorporadas à rotina do dia a dia, ao trabalho e ao lazer e não estão restritas a nenhum espaço específico. Nota-se que o processo educativo utilizado por Algemi, vai além do que se é proposto no currículo escolar. No caso da educação indígena, a escola é todo espaço físico da comunidade. Ensina-se a pescar no rio, evidentemente. Ensina-se a plantar no roçado. Para aprender, para ensinar, qualquer lugar é lugar, qualquer hora é hora. (Rosa, 2009:52)

Em sala de aula, segundo Algemi:

Os alunos entendiam (Wera Kuaray), mas a família encontrava um pouco de dificuldade, a mãe dele, como não sabia se comunicar com ele direito, as vezes deixava ele com raiva. Eu sempre falava para mãe dele, mesmo que não sabe o sinal, tem que tentar conversar

A surdez de Wera Kuaray não o impossibilitava de se comunicar com a turma e os sinais inventados pelo professor, faziam com que ele fosse entendido por todos. Entretanto, a única dificuldade encontrada era a comunicação com a mãe.

2. AENDU MBARETE AJAPO AWÃ- AÇÕES, PENSAMENTOS E SENTIMENTOS

A postura de uma sociedade letrada, e de uma sociedade oral, com relação ao discurso, é totalmente diferente a uma civilização onde a escrita registrou mensagens importantes. Para Chamorro (2008:65), a palavra é a unidade mais densa que explica como se trama a vida para os povos chamados guarani e como eles imaginam o transcendente. As experiências da vida são experiências de palavra; sendo assim, a condição humana para

esse povo, está plenamente regida pela palavra, a palavra que é própria da pessoa; pessoa que por sua vez é a história de suas palavras, escutadas e ditas, origem do ser e lugar de transformações decisivas (Pissolato,2007:18).

Para os Guarani, sociedade de base oral, historicamente sem escrita, o mito aparece em rezas, canções e relatos estabelecidos nas relações com os mais velhos, entre as pessoas no cotidiano de suas vidas, na *opy* (casa de reza), no trabalho, nas atividades diárias, desde o nascimento até a morte (Vieira, 2006). A palavra, como elo entre o divino e o humano, não exclui faculdades como o “ver” e o “sonhar” do âmbito das experiências espirituais (Chamorro,2008).

Sendo assim, em todo o universo pulsa a palavra divina, que é fundamento de todo dizer e toda forma de ser, nesse sentido, os Guarani tramam no âmbito da sua religião as experiências mais significativas que os ajudam a reorganizar e re-significar os demais itens da sua bagagem cultural (Chamorro, 2008). Na convivência com pessoas surdas, no universo em que vivem, as vozes são materializadas em sinais; nós não as ouvimos, mas as vemos (Sacks, 1998).

Frente a isso, vários questionamentos surgem. Como ocorre a transmissão de saberes a um índio surdo? Como é o relacionamento desse índio com a comunidade? Como acontece a aquisição da linguagem e aprendizagem dos sinais? A que fatores atribuem a deficiência?

Andrade (2000), em sua dissertação de mestrado sobre as narrativas míticas aponta que, dentro da cultura Guarani, os mudos – *ijayvu eỹ va’e* (os que não tem palavra), nascem sem fala, porque os deuses quiseram castigar os pais.

“É para a criança não falar dos erros dos pais, mas eles sabem que Deus já conhece todos.” (Andrade, 2000:51)

A linguagem surge como uma resposta da mente humana, a sua interação com o meio, como já sabemos que a mente que criou a linguagem dentro da teoria da evolução de espécie, em comparação linguística podemos dizer que a língua oral Guarani e o Português passam de pais para filhos através da cultura e da aprendizagem. (Vilhalva,2009:96)

Ara Jera, 60 anos, mãe de Wera Kuaray, nos conta que sente muita dificuldade em se comunicar por meio de sinais, e dar conselhos para o filho:

“Eu encontro muita dificuldade nessa parte de dar conselho, mas, assim, quando eu converso com sua irmã na hora de tomar chimarrão de manhã cedo, ele também senta com a gente. A irmã dele que conversa mais com ele em sinal, porque ela sabe mais do que eu para conversar em sinal. O seu parente entende tudo para conversar com ele, eu que sou a mãe, já não entendo muito o sinal para conversar com ele, mas o seu irmão e os outros parentes já entende mais do que eu para conversar com ele.” (25/07/11)

Segundo Vilhalva(2009) a deficiência, de um modo geral, não é um assunto palpável nas comunidades indígenas. Em contato com algumas famílias, se observa que há uma busca de entendimento do porquê de seu filho ter nascido surdo, levando isso a uma condição de causa maior, como questionamento pessoal, se indagando “por que isso aconteceu justamente comigo?”, como acontece na visão dos não indígenas. (Vilhalva,2009:19)

No caso de Wera Kuaray, a surdez foi diagnosticada primeiramente pela liderança religiosa. Mediante a isso, sua mãe, Ara Jera saiu em busca de tratamento no posto médico da aldeia.

“Quando meu filho era pequeno o líder religioso falou para mim que ele não ia falar, eu e o pai dele levamos no posto de saúde para que a enfermeira procurasse tratamento para ele. Fiquei muito triste, senti uma dor no coração assim, de tristeza. Se ele tivesse ouvido furado pelo menos nos dois lados, diz que dava para colocar aparelho nele, mas ele tem pequeno ouvido furado só, num lado só, mas ele entende tudo, se você conversar com ele, entende tudo.” (Ara Jera, 25/07/2011)

Perguntada sobre o que poderia ter causado a deficiência de seu filho, Ara relembra As dificuldades que teve durante a gestação, e o nascimento prematuro de Wera Kuaray.

Quanto às crenças culturais da mulher indígena sobre parto, descreve-se que este é feito de cócoras no domicílio, que é uma posição lógica, certa e fisiológica. Nota-se a partir da fala de Jera, que a surdez de seu filho é justificada a partir do nascimento prematuro, e da incompreensão do médico.

“Vou contar assim, eu tinha a irmãzinha dele de 8 meses de idade quando fiquei grávida dele, a irmã não estava andando ainda, eu carregava em *mondea* para ir na roça pegar o milho para fazer comida para ela, a minha filha andava doente. Com 8 meses de gravidez fui levar a minha filha na aldeia de Parati para mandar benzer ela. Aquela época no caminho tinha muita pedra no meio do caminho. Fui parar no hospital, ai o doutor me examinou tudo, ai eu senti muita dor e com muita dificuldade de falar o Português, falei tudo errado para o doutor, mas ele entendeu que estava sentindo muita dor. Eu não esperava que meu filho ia nascer com oito meses, ele nasceu muito pequeno. Depois de oito dias mandaram para aldeia de novo, mas não deixaram eu dar de mamar para ele, eu não entendia porque.”
(24/07/11)

Para, 78 anos, parteira da aldeia e avó de Wera Kuaray aponta que a deficiência pode ser vista antes mesmo do nascimento da criança. Entretanto, o fato de ter alguma deficiência, não deve ser motivo de tristeza.

Eu sei e vejo antes do nascimento da criança. Isso não é aqui na Terra, o espírito da criança já vem de um lugar do céu assim. Quando a criança nasce numa aldeia, nós temos que ficar feliz também. Que nem eu tenho agora o meu neto que não ouve nem fala com a gente, mas ele entende tudo a nossa vida, todo o jeito de ser guarani que nós levamos na aldeia. Ele é um menino muito alegre.

Um dia desse estava dormindo e no meu sonho, vi uma pessoa no meu sonho falando assim para mim: – Não pense nada sobre o seu neto. Ele vai ser um menino muito feliz e alegre, mesmo que ele não fala, não ouve. Não fique triste por causa disso, ele vai ter seu próprio conhecimento para conviver com vocês na aldeia. Isso que eu sei, foi Nhanderu (Deus) que me mostrou no meu sonho sobre o meu neto. (Para, 25/07/11)

Para, esclarece ainda que:

A surdez já existia desde antigamente. Lembro quando o meu pai e minha mãe moravam na aldeia Guarita, no Rio Grande do Sul. Nessa aldeia tinha uma pessoa que não ouvia e nem falava e até ele tinha sua esposa. Fumava petyngua¹ (cachimbo) na casa de reza, ele era um líder espiritual muito forte na aldeia. Nhanderu (Deus) manda a pessoa para que cada um tenha sua própria sabedoria. (25/07/11)

A concepção de vida Guarani, em todos os aspectos se vê identificada com simbolismos religiosos que legam aos indivíduos referências de conduta moral e social. Sendo assim, consideramos que o modo de ser Guarani está profundamente ligado à cosmologia, que se manifesta simetricamente no plano da relação entre a natureza e a cultura.

¹ O cachimbo, denominado petyngua, é utilizado durante a reza. Onde todos os Guarani, inclusive as crianças, fumam cachimbo, usando petu-hu, tabaco preto, plantado na aldeia, geralmente pelas mulheres, ou o fumo de corda, comprado nos estabelecimentos comerciais mais próximos. Cada casa possui um ou mais cachimbos, que são fumados coletivamente e oferecidos aos visitantes.

CONCLUSÃO

O campo da educação, assim como os demais campos de saber/poder, durante séculos esteve a serviço da cultura hegemônica. Com isso, contribuiu para reforçar as representações estereotipadas sobre os outros, representações construídas no contexto da colonização, em que o outro foi inventado como inferior, para justificar o domínio, a aculturação e até mesmo o extermínio.

As línguas podem se equivaler linguisticamente, mas não se equivalem socialmente. Uma forma de linguagem sempre se impõe sobre outras para se afirmar como a única legítima e, dessa forma, exercer a dominação por meio de um mercado lingüístico unificado, onde os diferentes dialetos de classe ou de região tenham como parâmetro a língua legítima. O monopólio é exercido pela língua padrão através do controle das instâncias de coerção lingüísticas, com a criação de normas, para controle dos outros grupos. Também não se deve ignorar que o discurso deve sempre uma parte muito importante de seu valor ao valor daquele que o pronuncia, pois, o que fala nunca é a palavra ou o discurso, mas toda a „pessoa social“, ou a autoridade que possui o locutor.

Em relação aos povos indígenas, no Brasil, podemos apontar o final da década de 1980 do século XX (Constituição de 1988) como momento de intensificação de debates e pesquisas dentro de um horizonte intercultural que considera a complexidade social, suas implicações no cotidiano da educação, o reconhecimento e a valorização da pluralidade cultural.

Sendo assim, no campo de identificação de novas línguas, embora o Brasil conte com 225 etnias indígenas com aproximadamente 180 línguas orais, há apenas uma língua de sinais registrada – a LSK Língua de Sinais Kaapor. Apresentada nos trabalhos de Darcy Ribeiro, que em suas expedições identificou a existência de surdos Kaapor e Brito (1995), primeira linguísta a descrever a existência de uma língua de sinais indígena, a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB). Estudos mais recentes, como a dissertação de Vilhalva (2009), com o mapeamento das línguas de sinais emergentes no Mato Grosso do Sul, e de Fica evidente, nos levam a compreensão dos processos de dentro da cultura e nos mostram como língua e cultura são intrinsecamente relacionadas.

Assim, a pesquisa registrou, a partir da oralidade as “experiências das pessoas vivas” envolvidas no processo de escolarização de Wera Kuaray, e do modo de vida dos Guarani, e estabeleceu relações entre história e memória indígena em relação às concepções da deficiência.

Destaca-se a força da cultura Guarani, não só para romper barreiras territoriais, mas também da fronteira educacional, onde Algemiro, reconhecendo as especificidades de seu aluno, possibilitou o desenvolvimento das potencialidades de seu aluno, garantindo a ele o acesso, e a permanência escolar.

Identificamos que a língua de sinais, considerada uma língua coletiva e social, apresenta diversos campos a serem pesquisados tanto na área surda urbana como na área surda indígena, cabendo assim aos sistemas de ensino organizar propostas curriculares que possam garantir a inclusão educacional de indígenas surdas com respeito a sua singularidade cultura e lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BARROS, Armando Martins. Educação, Interculturalidade e Democracia: A escola diferenciada indígena e a formação dos professores Guarani-Mbyá no Estado do Rio de Janeiro. Teias – Revista da Faculdade, Rio de Janeiro, n.3, p. 121-131, junho 2001

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma Gramática da Língua de Sinais: Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento De Linguística e Filologia, 1995
Maino'i rapé – O Caminho da sabedoria/ coord. Editorial: Lucila Silva Telles. – Rio de Janeiro: IPHAN, CNFPC: UERJ, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 5ª. Edição, revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.18.)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC, 1998.

NASCIMENTO, Adir Casaro. Escola Indígena: palco das diferenças. Campo Grande: UCDB, 2004. (Coleção teses e dissertações em educação)

PISSOLATO, Elisabeth. A duração da pessoa: Mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NuTi, 2007.

ROSA, Helena Alpini A Trajetória Histórica da Escola na Comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC- Um Campo de Possibilidades. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado)- PPGH/ UFSC. [2009]

SACKS, Oliver W. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Ismênia de F. Educação escolar indígena: as vozes guarani sobre a escola na aldeia. 2006. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - PPGE, UFSC. [2006].

VILHALVA, Shirley. Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2009.